

TRADUÇÃO INTRALINGUAL: UMA TENTATIVA DE DESCRIÇÃO¹

Karen Korning Zethsen²

Tradução de Laura Pinto Berwanger

Resumo: Em teoria, os estudos da tradução (ET) não excluem a tradução intralingual; no entanto, além de distantes entre si, são poucos os estudos empíricos e as discussões acerca do tema. Assim, este artigo defende a correta inclusão desse tipo de tradução com base em suas muitas semelhanças com a tradução interlingual. Para efeitos de comparação, foram propostas (i) uma descrição geral da tradução intralingual e de suas características com base em cinco versões em dinamarquês de uma seção da Bíblia e (ii) uma análise das microestratégias empregadas em cada versão. Além disso, tanto semelhanças, como diferenças entre reformulação e tradução propriamente dita foram discutidas. Com isso, concluiu-se que as diferenças entre tradução intralingual e interlingual parecem ser mais uma questão de grau do que de tipo.

Palavras-chave: tradução intralingual; tradução interlingual; estudos empíricos; microestratégias.

1. Introdução

Há alguns anos, além de trabalhar com tradução interlingual, realizo pesquisas relacionadas à comunicação entre médico-especialista e público leigo e, como uma estudiosa da tradução, as muitas semelhanças entre tradução intralingual e interlingual despertaram a minha curiosidade. No entanto, mesmo com a definição clássica de Jakobson (2000), a tradução intralingual (ou reformulação) ocupa desmerecidamente uma posição periférica nos estudos da tradução (ET). Além disso, a relação entre tradução interlingual e intralingual, bem como uma descrição mais sistemática desse segundo tipo de tradução, são áreas de pesquisa negligenciadas, sendo muito difícil encontrar qualquer literatura relevante.

No prefácio da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (BAKER, 1997), por exemplo, a autora argumenta que temos sido restritos e limitados ao definir o nosso objeto de estudo, e preocupa-se com a falta de pesquisas fora do domínio da tradução interlingual:

[...] a tradução intralingual não é um assunto desimportante, como sugere a literatura da tradução. Desconheço pesquisas que olhem para os fenômenos da tradução intralingual ou intersemiótica de modo específico. Temos classificações como a de Jakobson, que nos alerta sobre a possibilidade de outros tipos de tradução, mas não fazemos um uso legítimo de tais

¹ O artigo em língua inglesa *Intralingual Translation: An Attempt at Description* foi publicado no *Meta Translators' Journal* em dezembro de 2009.

² Professora da University of Aarhus, Dinamarca - kkz@asb.dk

classificações em nossa pesquisa. (BAKER, 1998, p.xvii)³

Nesse sentido, percebemos que a sociedade moderna, repleta de alta tecnologia, cooperação internacional e comunicação intercultural nos negócios e na vida política e cultural, gerou demandas por diferentes tipos de tradução (ou atividades semelhantes à tradução), o que muitas vezes exige que se vá além da chamada tradução propriamente dita. As traduções altamente funcionais (que diferem muito dos textos originais), como localização, simplificação, comunicação entre especialista e público leigo, entre outras, são todas parte da vida moderna. No entanto, não conheço nenhuma tentativa detalhada e com base empírica que tenha o intuito de descrever as características gerais da tradução intralingual. Além disso, tampouco se descrevem as estratégias empregadas ou se compara esse tipo de tradução com a interlingual. Encontramos alguns trabalhos sobre tradução intralingual ou intersemiótica (WEISSBROD, 1998, 2004; SHAVIT, 1986) dentro da teoria dos polissistemas e dos domínios da tradução literária (EVEN-ZOHAR, 1990), em que a tradução (seja interlingual, intralingual ou intersemiótica) é vista como parte do conceito semiótico de transferência, tendo como foco a transferência de uma cultura para outra. Segundo Weissbrod (2004), a partir da perspectiva de Even-Zohar (1990), pesquisadores da tradução devem basear-se em uma mesma estrutura teórica para lidar com todos os tipos de transferência, já que o mecanismo de transferência é basicamente o mesmo em todos os casos.

Minha pesquisa inicial sobre a natureza da tradução intralingual (ZETHSEN, 2008), alertou-me para o fato de que, desde a época de Jakobson, as definições dos tipos de tradução se tornaram menos inclusivas. Isso significa um grande retrocesso, já que a procura por diferenças e semelhanças entre esses vários tipos podem trazer benefícios tanto teóricos, quanto empíricos. Even-Zohar (1990), por exemplo, menciona que “não há vantagens em lidar com um fenômeno (tradução) como se ele estivesse separado de outros fenômenos quando, na verdade, ele não está”⁴ (apud WEISSBROD, 2004). Além desse autor, há Gambier (1992) com uma visão semelhante, apontando que “finalmente, somos obrigados a reafirmar a necessidade de uma teoria da tradução que seja autônoma, separada da teorização de outros

³ No original: “[...] intralingual translation is not such a minor issue as the existing literature on translation might suggest...I know of no research that looks specifically at the phenomena of intralingual or intersemiotic translation. We do have classifications such as Jakobson’s, which alert us to the possibility of such things as intersemiotic and intralingual translation, but we do not make any genuine use of such classifications in our research.”

⁴ No original: “there is no benefit in dealing with one phenomenon (translation) as if it were detached from other phenomena when it is not.”

processos de interação (intralinguais)⁵”. Assim, com o intuito futuro de incorporar (novamente?) a tradução intralingual no mapa dos ET e estimular futuras pesquisas empíricas, o objetivo do presente artigo é examinar mais intimamente esse tipo de tradução. Para isso, precisamos descrever a tradução intralingual, bem como as estratégias nela envolvidas e compará-la com a tradução propriamente dita. Dessa forma, nesse artigo, há a análise de cinco versões do mesmo texto, com uma discussão baseada em uma definição aberta de tradução, que reflete a natureza multifacetada dessa atividade.

2. Definindo a Tradução

Os ET destinam-se ao estudo acadêmico da tradução; portanto, é comum que os trabalhos da área ocupem parágrafos ou, ainda, capítulos, a fim de definir ou conceituar o que é tradução. Intuitivamente, mesmo os leigos saberiam conceituá-la; eles provavelmente definiriam a tradução como sendo uma forma correspondente ao protótipo de tradução interlingual, proposto por Jakobson (2000). Muitos pesquisadores, a fim de chegar a uma definição, levam em conta os três tipos de tradução de Jakobson (2000). No entanto, os conceitos desse autor acabam implicando, por parte dos pesquisadores, no enfoque em apenas um tipo de tradução, a interlingual. Shuttleworth (1997), em seu *Dictionary of Translation Studies*, afirma que a tradução interlingual é o único tipo que corresponde ao que normalmente se entende por tradução. Jakobson (2000), baseando-se na ideia de signo e significado de Peirce, declara que "o significado de qualquer signo linguístico é a sua tradução em outro signo alternativo"⁶(JAKOBSON, 2000). Como consequência, temos a tradução como um componente em todas as “transações” entre línguas. O autor, então, divide essas transações em três tipos de tradução ou três "formas de interpretar um signo verbal": (i) a tradução intralingual ou reformulação, que é uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; (ii) a tradução interlingual ou propriamente dita, uma interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua; e a (iii) tradução intersemiótica ou transmutação, que é uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não verbais. (JAKOBSON, 2000).

A tradução interlingual ou propriamente dita é naturalmente vista pelos pesquisadores como sendo o tipo clássico de tradução. Muitos deles, inclusive, tentam limitar os estudos a

⁵ No original: “Enfin, il oblige à reposer la nécessité prétendue d’une théorie de la traduction, autonome, séparée de la théorisation des autres processus interactionnels (intralinguistiques).”

⁶ No original: “the meaning of any linguistic sign is its translation into some further, alternative sign”

definições muito restritas do que é a tradução interlingual (TYMOCZKO, 2005). Ainda que os pesquisadores da tradução mencionem e reconheçam os outros tipos de tradução de Jakobson (2000), eles geralmente são considerados periféricos ou sem relevância para a disciplina dos ET. Alguns autores citam o texto mais influente de Jakobson (2000) com sua definição filosófica, hermenêutica e muito ampla do que é tradução — para definir o conceito; e, logo após, já voltam a focar somente na tradução interlingual, o campo de mais interesse.

Jakobson (2000), no entanto, defendia uma definição ampla e inclusiva da tradução, considerando-a um fenômeno fundamental para todas as transações entre línguas. Essa linha de pensamento foi posteriormente retomada por Steiner (1975). Para esse autor, a tradução interlingual é vista como um caso de intensificação do processo de comunicação e recepção. No entanto, ele afirma que os problemas linguísticos implícitos na tradução interlingual também estão presentes em todo o discurso intralingual. Esta visão também é revisitada por Even-Zohar (1990) quando o mesmo discute sobre mecanismo de transferência (SHUTTLEWORTH, 1997; WEISSBROD, 2004). Baseando-se em Jakobson (2000), Steiner reflete sobre o fato de o desafio da sinonímia na tradução intralingual assemelhar-se ao desafio da equivalência na tradução interlingual (JAKOBSON, 2000; DAM-JENSEN, ZETHSEN, 2008; SHUTTLEWORTH, 1997). Nesse sentido, a equivalência total, bem como a sinonímia absoluta (caso exista) é muito rara. Trata-se de um dilema fundamental da interpretação, que é compartilhado com a reformulação e, ainda, com a tradução propriamente dita (STEINER, 1975). Steiner ainda aponta que “o que Jakobson chama de 'reformulação', ou seja, interpretação de signos verbais por meio de outros signos na mesma língua, levanta questões da mesma ordem que as da tradução interlingual” (STEINER, 1975). Ainda assim, mesmo com textos altamente influentes como os de Jakobson (2000) e Steiner (1975), os ET, apesar de reiterarem a estreita afinidade entre tradução interlingual e intralingual, frequentemente excluem, *de facto* ou de forma deliberada, a tradução intralingual.

Gutt (2000) menciona que nem todos os pesquisadores da tradução sentiriam-se confortáveis com uma definição mais ampla que qualificaria, por exemplo, sínteses ou versões mais elaboradas como exemplos de tradução. Newmark (1981) consideraria tais atividades como sendo o que ele nomeia de tradução restrita, fora do escopo da teoria da tradução interlingual (GUTT, 2000). A definição de Newmark (1999) é realmente muito limitada; inclui apenas a tradução interlingual e depende fortemente da equivalência, um conceito muito criticado (SNELL-HORNBY, 1988; ZETHSEN, 2004). Em outras palavras, sua definição não abre espaço para mudar o propósito (*skopoi*) do conceito ou para a própria tradução intralingual, implicando que os ET não estão abertos a percepções advindas de

outros tipos de tradução, com exceção da interlingual. A definição do autor pode ser o padrão para ele e para muitos outros teóricos, mas não representa necessariamente a realidade translacional de hoje. Snell-Hornby (1999, 2006) critica fortemente essa percepção, alertando sobre uma visão estreita da tradução em geral (e, em particular, no que tange à definição de Newmark) — uma “atividade de transcodificação linguística tradicional” (SNELL-HORNBY, 1999). A autora também alerta sobre as tarefas do tradutor moderno, as quais precisam ser mencionadas em nossas discussões teóricas a fim de continuarem relevantes. Além disso, Schäffner (1999) aponta que a realidade translacional ultrapassa a tradução interlingual. A autora afirma que há cada vez mais consenso na comunidade acadêmica quanto às “responsabilidades do tradutor que vão muito além do que era tradicionalmente considerado como ‘tradução propriamente dita’” (SCHÄFFNER, 1999). Schäffner (1999) também indaga se a tradução em si é impactada por avanços modernos, ou ainda se “mais e mais atividades são adicionadas ao escopo da tradução interlingual. Onde será que a tradução acaba e algo diferente assume o controle, como, por exemplo, redação técnica ou editoração eletrônica?”. A autora também questiona se isso pode significar uma necessidade de redefinição da própria noção de tradução. Seguindo por esse caminho, penso que precisamos redefini-la, mas antes, por não haver consenso nos ET sobre uma definição específica, devemos realmente questionar o que devemos redefinir. Mesmo a partir de uma abordagem hermenêutica, ainda é coerente tentarmos delimitar o campo dos ET, mas a questão remanescente é: de que maneira isso pode ser feito?

2.1 Uma definição aberta sobre tradução

Um artigo recente (ZETHSEN, 2008) examinou a influente e bastante pragmática definição de tradução de Toury (1985, 1995). O estudo foi baseado no conceito de “tradução presumida”⁷ (*assumed translation*) e nos três postulados de Toury⁸, concluindo que todos esses postulados são igualmente relevantes à tradução intralingual; ainda assim, a definição do autor, embora atraente, não conseguiria abarcar a tradução intralingual, principalmente devido à exigência da tradução presumida. Uma possível definição, baseada nesses três postulados e inspirada por Tymoczko⁹ (1998, 2005) foi sugerida por mim. Tal definição conta

⁷ “Todas as expressões que são apresentadas ou consideradas como tal na cultura alvo, independentemente dos motivos” (Toury 1995, p. 32).

⁸ Postulado do Texto-fonte, Postulado da Transferência e Postulado da Relação (Toury 1995, p. 33-35).

⁹ Tymoczko (1998, 2005) não foca particularmente na tradução intralingual, mas os argumentos da autora em busca de uma percepção mais abrangente acerca da tradução são muito relevantes.

com a noção de “semelhanças de família” de Wittgenstein (1953, 1958) e de “prototipicalidade” de Rosch (1973). Minha definição é aberta e não limitada, trata-se de uma tentativa de definir a disciplina dos ET como um campo amplo, que se baseia em um conceito abrangente. Esse conceito, além de não ser restrito, é passível de ser descrito, mas não a partir de condições necessárias ou através de suposições do público.

De acordo com Shuttleworth (1997), Jakobson (2000), ao descrever suas três categorias de tradução, sugere que a tradução pertence a um grupo de fenômenos interligados, em que se pode encontrar “semelhanças de família”. Já Tymoczko (1998, 2005) defende uma percepção mais ampla da tradução. A autora sugere que devemos considerar a tradução como um conceito de agrupamento (*cluster concept*), que deve ser definido de forma não limitada, *conforme* a noção de “semelhanças de família” de Wittgenstein (1953, 1958). Tal noção, também chamada de “conceito de agrupamento”, é ampla, pragmática e com base empírica (exceto na lógica formal) e foi introduzida com o objetivo de argumentar contra a teoria clássica da categorização, a qual envolve propriedades compartilhadas. Essas propriedades são condições estritamente objetivas para que haja a associação em categorias, tendo limites claros entre elas. Ou seja, não há característica no limite de uma categoria que esteja próxima a outra (na lógica, a especificação de condições necessárias e/ou suficientes é usada para determinar filiações em categorias, bem como para fornecer definições precisas). Wittgenstein (1953, 1958) também aponta que é isso que une a categoria do que é “jogo”, por exemplo. Se considerarmos a tradução como um conceito de agrupamento, ou seja, como um conceito aberto, os requisitos para pertencer a uma categoria acabam não sendo condições necessárias, e sim condições de semelhanças de família. Segundo o autor, essas semelhanças são “ora semelhanças gerais, ora semelhanças muito particulares”, as quais “se sobrepõem e se cruzam” (WITTGENSTEIN, 1953, 1958), assim como as semelhanças entre os membros de uma família. O porquê de a definição de certos conceitos precisar ser aberta diz respeito a uma característica inerente a tais conceitos. Em outras palavras, a descrição teórica, pragmática e não finita *não* é uma característica falha ou uma deficiência que alguns conceitos possuem.

Assim, com base nessas percepções, tentei estabelecer uma definição alternativa de tradução. Essa definição deve ser capaz de conter uma ampla gama de fenômenos de tradução, incluindo a tradução intralingual, mas também deve ser, de algum modo, restrita, a fim de que seja relevante para o campo dos ET. Quando aceitarmos que a tradução só pode ser explicada de forma significativa e tratarmos a sua definição como sendo um conceito de agrupamento, já não fará sentido descrever a tradução de forma limitada. A definição de

Toury (1985, 1995), por exemplo, provavelmente exclui muitas traduções intralinguais (ou intersemióticas). Isso, no entanto, não ocorre devido aos seus três postulados (texto de origem, transferência e relação intertextual), que se baseiam em conceitos abertos, mas sim devido a duas condições necessárias. A primeira condição é a de que uma transferência entre duas línguas/culturas é necessária para que uma tradução seja considerada como tal; a segunda, e mais importante, é a de que o produto resultante deve ser considerado uma tradução feita, em geral, por pessoas. Na minha opinião, nenhum desses dois requisitos são necessários para que um documento/produto seja, de fato, uma tradução. Além disso, esses requisitos definitivamente excluiriam a tradução intralingual. Ainda assim, nenhum dos três postulados significa um problema para a tradução intralingual ou intersemiótica. Isso porque eles oferecem uma descrição da atividade fundamental da tradução e tal descrição se baseia em conceitos abertos. Portanto, ela pode e deseja incluir toda uma gama de exemplos, do protótipo ao periférico. Penso ser possível descrever a tradução (e não limitar a sua definição) por meio das três dimensões de Jakobson (2000) juntamente com uma descrição mais específica das ideias de Toury (1985, 1995) sobre texto de origem e transferência.

Desta forma, podemos chegar a uma descrição que seja ampla, mas também significativa e relevante para o campo dos ET, não excluindo, especialmente, a tradução intralingual. Podemos pensar assim: um texto de partida existe ou já existiu em algum momento, então uma transferência ocorre e o texto de chegada é derivado do texto de partida (resultando em um novo produto em outra língua, gênero ou meio). Deste modo, há algum tipo de semelhança relevante entre os textos de partida e os de chegada. Esta relação pode assumir muitas formas e jamais baseia-se no conceito de equivalência, e sim no propósito do texto de chegada.

O pensamento acima apresenta uma descrição da tradução. Embora não represente uma abordagem tão ampla quanto a hermenêutica de Steiner (1975), essa descrição ainda enxerga o fenômeno da tradução como sendo fundamental para a comunicação humana. Mais importante, inclusive, do que as definições mais tradicionais dos ET. No entanto, nenhuma descrição deve apresentar condições necessárias ou suficientes para definir o que é tradução. O objetivo da descrição é funcionar como um *tertium comparationes* (comparação das semelhanças entre duas coisas), determinando as semelhanças entre famílias.

3. Tentando descrever a tradução intralingual

Como vimos anteriormente, a definição de tradução intralingual de Jakobson (2000) é

fundamentada a partir do outro nome: a reformulação. Essa definição também é sustentada pela explicação do autor acerca desse tipo de tradução: uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos de uma mesma língua. Trata-se de uma definição bastante clara, porém, enquanto numerosos esforços são feitos para definir e exemplificar a tradução interlingual, o que normalmente se encontra acerca da tradução intralingual são sentenças equivocadas. Ainda assim, na prática, vemos muitos tipos de tradução intralingual. Há inúmeras formas de comunicação entre especialista e leigo, assim como leituras facilitadas para crianças, legendas para surdos, resumos, alguns tipos de reportagens, adaptações de clássicos etc. (para mais exemplos, ver SHUTTLEWORTH, 1997; GAMBIER¹⁰, 1992). Vimos que essas atividades compartilham semelhanças de família com a tradução interlingual, mas será que conseguimos nos aproximar de um relato mais detalhado sobre as características gerais de tais atividades? De que forma elas diferem-se ou assemelham-se à tradução interlingual? Holmes (1972, 2000), por exemplo, encoraja-nos a descrever, explicar e prever a tradução intralingual, mas me parece que sua literatura não nos oferece uma descrição sistemática e com base empírica do que é esse tipo de tradução. Sendo assim, uma tentativa de descrição sistemática e com base empírica será feita a seguir. Deve-se enfatizar que se trata de uma tentativa mais detalhada de descrição geral, já que não há muitas hipóteses ou muitos estudos empíricos nos quais podemos nos apoiar.

3.1 Cinco versões de um mesmo texto: um estudo de caso

Embora os estudos empíricos sobre tradução intralingual sejam escassos, esse tipo de tradução é um fenômeno difundido, desse modo, é fácil encontrarmos exemplos muito distintos da atividade (que são abundantes, por exemplo, dentro da comunicação entre especialista e leigo). Ao planejar este estudo de caso, foram considerados diferentes exemplos de tradução intralingual. Meu objetivo, no entanto, não foi descrever esse tipo de tradução de modo restrito, mas tentar caracterizar esse fenômeno de forma geral, por meio de micro estratégias empregadas na criação das novas versões. Para tanto, meu objetivo foi encontrar um texto que já tivesse várias versões disponíveis. A Bíblia, portanto, mostrou-se uma escolha evidente. A partir dela, é possível estudar uma gama de traduções intralinguais originadas de um mesmo conteúdo basilar. Escolher a Bíblia como texto-fonte, no entanto, pode ser um

¹⁰ Gambier, como poucos, realmente escreve sobre a tradução intralingual. No entanto, embora interessante, seu artigo não é baseado em trabalhos empíricos, bem como não apresenta uma comparação com a tradução interlingual.

tanto complicado, já que, ao lidar com ela, também temos o envolvimento de tradução interlingual. As versões autorizadas em dinamarquês, produzidas ao longo do tempo, foram traduzidas do grego (Novo Testamento) e do hebraico (Antigo Testamento). No entanto, os tradutores naturalmente consultaram traduções para o inglês, alemão, francês, sueco e norueguês, por exemplo, bem como outras versões dinamarquesas (JEPPESEN, 1990). No caso de uma das versões aqui analisadas, que foi destinada a crianças pequenas, a base é uma versão em inglês (*The Beginners Bible*), já em se tratando do Novo Testamento em dinamarquês coloquial, os tradutores afirmam, no prefácio, que consultaram várias novas versões estrangeiras, especialmente *The Living Bible*, em inglês, mesmo que a tradução dinamarquesa seja mais próxima do texto-fonte do que a anterior. Muitas versões em línguas diferentes podem estar envolvidas na tradução da Bíblia. Contudo, do ponto de vista deste artigo, o interessante é o fato de que diferentes versões são criadas a partir de uma mesma mensagem, a fim de atender a públicos diferentes. É essa mensagem principal que é traduzida, de modo intralingual, nas novas versões. Independentemente da grandeza da tradução interlingual, a cada nova versão, a tradução intralingual é crucial.

Nos países de língua inglesa, a versão oficial é a Bíblia do Rei James (*King James Bible*) de 1611 (não revisada a partir dessa data, com exceção da ortografia e da pontuação (NICOLSON, 2003). Já na Dinamarca, a primeira versão oficial do Novo Testamento, traduzida do grego, veio em 1907, mesmo que o trabalho mais influente de tradução da Bíblia, em dinamarquês, seja a tradução *resen-svenningsen* (1647). A versão autorizada é baseada nessa versão de 1647 (JEPPESEN, 1990) e foi revisada em 1948¹¹ e 1992¹².

Neste artigo, escolhi analisar cinco versículos de Lucas (capítulo dois) presentes em quatro versões dinamarquesas da Bíblia, comparando-os com a versão dinamarquesa autorizada (1948). Abaixo, podemos ver como esses versículos foram expostos na versão em inglês, a Bíblia do Rei James (1986¹³):

3. *And all went to be taxed, every one into his own city.*

[E todos seriam tributados, cada um em sua cidade.]¹⁴

4. *And Joseph also went up from Galilee, out of the city of Nazareth, into Judaea, unto the city of David, which is called Bethlehem; (because he was of the house and lineage of David:)*

¹¹ *Bibelen* (1948): versão dinamarquesa autorizada de 1948, Copenhagen (nome original: *Det Danske Bibelselskab*)

¹² *Bibelen* (1992): versão dinamarquesa autorizada de 1992, Viborg (nome original: *Det Danske Bibelselskab*).

¹³ *Holy Bible* (1611/1986): versão autorizada do Rei James, USA (P.S.I. & Associates, Inc.). Os números se referem aos números dos versículos.

¹⁴ Entre colchetes, são apresentadas as traduções para o português.

[E José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, até a cidade de Davi, que se chama Belém; (porque ele era da casa e da linhagem de Davi:)]

5. *To be taxed with Mary his espoused wife, being great with child.*

[Para ser tributado por Maria, sua esposa prometida, por estar grávida.]

6. *And so it was, that, while they were there, the days were accomplished that she should be delivered.*

[E assim foi, até que, enquanto eles estavam ali, se cumpriram os dias para que ela desse à luz]

7. *And she brought forth her firstborn son, and wrapped him in swaddling clothes, and laid him in a manger; because there was no room for them in the inn.*

[E ela deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o na manjedoura; pois não havia lugar para eles na estalagem].

Embora a versão dinamarquesa (1948) não tenha sido traduzida a partir da versão em inglês, e sim a partir do grego, ela é praticamente uma tradução direta (92 palavras):

3. *Og alle gik hen for at lade sig indskrive, hver til pec by.*¹⁵

4. *Og fordi Josef var af Davids hus og slægt, drog også han op fra op fra Galileia, fra byen Nazaret, til Judæa, til Davids por, som hedder Betlehem,*

5. *para at lade sig indskrive tillige med Maria, sin trolovede, som var frugtsommelig.*

6. *Og det skete, medens de var der, kom tiden, da hun skulle føde.*

7. *Og hun fødte sin søn, den førstefødte, og svøbte ham og lagde ham i en krybbe, thi der var ikke plads to dem i herberget.*

As quatro traduções intralinguais para o dinamarquês aqui analisadas, em ordem cronológica, são as seguintes:

1. Uma Bíblia da família ilustrada, de 1973¹⁶ (236 palavras)
2. Uma Bíblia ilustrada para crianças (bem) pequenas, de 1991¹⁷ (158 palavras)
3. A versão dinamarquesa autorizada, de 1992 (88 palavras)
4. O Novo Testamento em dinamarquês coloquial, de 1985/2002¹⁸ (89 palavras)

Os exemplos escolhidos foram traduzidos do dinamarquês para o inglês (com a

¹⁵ Alguns versículos em dinamarquês não foram traduzidos pois a tradução para o inglês não foi fornecida pela autora do artigo.

¹⁶ Bíblia da Família Ilustrada (Seidelin, Anna Sophie (1973): *Hjemmenes Billedbibel*. Vienna:Lademann).

¹⁷ Bíblia Ilustrada para crianças pequenas. (Møllehave, Johannes (1991): *Alle børns Bibel*.USA: Sesam).

¹⁸ Novo Testamento em Dinamarquês Coloquial. (*Ny Testamente på hverdagsdansk* (1985/2002). Viborg: Scandinavia).

tradução para o português entre colchetes). Em alguns deles, a tradução não é idiomática, e sim literal, a fim de que seja possível ilustrar o que ocorreu.

3.1.1 Bíblia da Família Ilustrada (1973)

O público-alvo deste texto são famílias, especialmente jovens e crianças. Ao comparar a Bíblia ilustrada da família (1973) com a versão autorizada (1948), a primeira coisa que se pode notar é o grande número de palavras na versão de 1973. Nela, há 236 palavras, enquanto na versão autorizada (1948), há 92. Ao olharmos mais atentamente, podemos perceber que o grande número de palavras ocorre devido à adição de informações factuais e ao grande número de explicações, que visam a melhorar a compreensão do texto por parte das crianças, como ocorre nos exemplos abaixo, vejamos:

(1) Adições objetivas

- [...] *to be taxed in the city from which their people originally came.*
[para serem tributados na cidade de onde veio o povo].
- *It can be very cold outside in the winter in Judaea [...].*
[Pode ser muito frio lá fora, no inverno da Judéia].
- [...] *because it is always warm in a stable with animals, especially if they are cows.*
[Porque está sempre quente no estábulo com animais, principalmente se forem vacas].

O grande número de palavras foi consequência também de adições subjetivas, com o possível intuito de tornar o texto mais vívido para crianças. Em alguns casos, no entanto, também serviu para explicitar o ponto de vista do tradutor.

(2) Adições subjetivas

- [...] *and Joseph was happy that they could get inside where it was warm [...].*
[E José estava feliz porque eles puderam entrar onde estava quente].
- [...] *and then the bed was as soft and as clean as you could ask for.*
[E então a cama estava tão macia e limpa quanto se podia esperar].
- *There he was, warm and comfortable like his mother in the stall.*
[Lá estava ele, quente e confortável como sua mãe no estábulo].

(3) Comentários subjetivos do tradutor

- *It was very uncomfortable for them to travel as Maria was soon to give birth; but of course those in power do not ask about such things.*

[A viagem foi muito incômoda para eles já que Maria estava para dar à luz; mas claro que aqueles que estão no poder não perguntam sobre essas coisas].

- *Joseph swept the floor [...].*

[José varreu o chão].

- *[...] and Joseph made a bed for the child in the manger.*

[E José fez uma cama para a criança na manjedoura].

Os comentários subjetivos dos exemplos acima retratam questões políticas e de caráter feminista dos anos 1970. Há apenas duas omissões no texto: o nome de Nazaré e o fato de que José e Maria estavam noivos. Quase todo o texto foi parafraseado e, como esperado, o léxico e a sintaxe foram simplificados durante o processo. Houve a transferência de quase todas as informações, contudo, em alguns casos, a ordem foi alterada e algumas figuras foram adicionadas. Em suma, as mudanças se deram devido ao nível de conhecimento prévio (cultural e concreto) e à capacidade de compreensão do público-alvo. O objetivo foi tornar o texto compreensível e interessante, especialmente para os jovens¹⁹.

3.1.2 Bíblia Ilustrada para Crianças Pequenas (1991)

O público-alvo deste texto são crianças de 3 a 5 anos. Essa Bíblia (1991) é naturalmente diferente da versão autorizada (1948). Contudo, se assemelha, em muitos aspectos, à anteriormente analisada Bíblia da família (1973), devido à presença de explicações, explicitações, simplificações lexicais e sintáticas, adição de figuras e de texto. Esses fatores foram empregados visando a uma maior facilidade de compreensão por parte das crianças, o público-alvo do texto (com um porém: todos os acréscimos são factuais, ou seja, objetivos). Duas características dessa tradução intralingual a tornam significativamente diferente das outras duas, inclusive da outra Bíblia para crianças. Em primeiro lugar, temos o fato de que a estrutura do texto foi drasticamente alterada, não seguindo a estrutura tradicional (a reestruturação da ordem em que é dada a informação também é vista na Bíblia da família (1973), porém, nesta versão para crianças pequenas, a reestruturação é muito mais radical). Em segundo lugar, há várias omissões de conteúdo. O texto foi estendido para 158 palavras,

¹⁹ Ver Shavit (1986) no que tange à tradução de literatura infantil.

incluindo o versículo 1, dada a reestruturação. O texto inteiro é uma longa paráfrase, nenhuma frase é idêntica à versão de 1948.

(4) Mudanças estruturais

- *Now Maria loved a man called Joseph. They were soon to be married.*

[Agora, Maria amava um homem chamado José. Eles deveriam se casar em breve.]

O texto começa dessa forma, no entanto, as informações sobre o noivado de Joseph e Maria são tradicionalmente não fornecidas até o final do texto. Em seguida, há a frase a seguir:

- *The emperor wanted to count people in the cities in which they were born.*

[O imperador queria contar as pessoas nas cidades em que nasceram].

Esta frase é originalmente do primeiro versículo. No início desta versão para crianças, também vimos que José e Maria tentaram encontrar um lugar para ficar, mas não havia espaço em nenhuma das casas (*“Josef og Maria forsøgte at finde et sted, hvor de kunne være, men der var ikke plads i et eneste af husene”*). Ainda assim, a versão de 1948 não dá essa informação até chegarmos à última frase, que nos diz que Maria deitou seu filho em uma manjedoura porque não havia lugar para eles na estalagem (*“because there was no room for them in the inn”*). Essa frase fornece informações que tradicionalmente não são dadas até o versículo 21:

- *Maria and Joseph gave him the name Jesus, just as the angel had told them to.*

[Maria e José deram-lhe o nome de Jesus, exatamente como o anjo havia pedido].

(5) Omissões

O único fato que resta do versículo 4 (que informa que José subiu à Galiléia, da cidade de Nazaré, para a cidade de Davi, chamada Belém, porque ele era da casa e da linhagem de Davi) é o de que José e Maria estão indo para Belém. Todo o resto foi omitido. O fato de que Maria estava grávida e de que a criança era seu primogênito foi excluído. Essas mudanças levaram em conta o nível de conhecimento prévio do público-alvo e sua capacidade de compreensão. O objetivo da versão é fazer com que mesmo crianças pequenas entendam e se interessem pela mensagem principal do texto.

3.1.3 A Bíblia na Versão Dinamarquesa Autorizada (1992)

Esse texto tem como público-alvo adultos que preferem uma versão mais formal e tradicional da Bíblia. A versão de 1992 é supostamente uma nova tradução do grego, mesmo que, como anteriormente mencionado, os tradutores também consultem outras versões em línguas modernas. No caso desse texto (1992), eles se basearam bastante na versão anterior, a de 1948. Sendo assim, a semelhança entre a versão autorizada de 1992 e a de 1948 é bastante clara. O tamanho, por exemplo, é quase o mesmo, 88 palavras, com nada adicionado ou parafraseado, as únicas mudanças são lexicais. Foram escolhidos alguns sinônimos com o intuito de tornar a linguagem mais contemporânea.

(6) Palavras e expressões antigas substituídas por alternativas contemporâneas

1948: *Tillige (together with)* [junto com]

1992: *sammen med*

1948: *trolovede (betrothed)* [noiva]

1992: *Forlovede*

1948: *frugtsommelig (with child)* [com criança]

1992: *ventede et barn*

1948: *medens (while)* [enquanto]

1992: *mens* [grafia mais moderna]

1948: *thi (because)* [porque]

1992: *for*

Em um dos exemplos, a versão mais recente substitui uma expressão moderna — “*Gik hen*” (subiu para) — por uma mais antiga, chamada “*Drog hen*”. Isso possivelmente se dá porque a expressão “*Drog hen*” é mais acertada em relação à semântica. Veja a seguir a comparação entre a versão autorizada de 1948 e a de 1992.

(7) Mudanças sintáticas que tornam o texto mais contemporâneo

(a) 1948: *And because Joseph was of the house and lineage of David, also he went up from [...]*

[E porque José era da casa e da linhagem de Davi, ele também subiu de].

1992: *Also Joseph went up from... because he was of the house and lineage of David [...]*

[Além disso, José subiu de... porque ele era da casa e linhagem de Davi].

(b) 1948: *And it happened, while they were there, came the time, when she were to give birth*

[E aconteceu que, enquanto eles estavam lá, chegou a hora de ela dar à luz].

1992: *And while they were there, came the time, when she were to give birth*

[E enquanto eles estavam lá, chegou a hora de ela dar à luz].

O conteúdo permaneceu similar tanto de modo denotativo, quanto conotativo. Alguns sinônimos contemporâneos acabaram substituindo os mais antigos e uma sintaxe mais moderna e menos rebuscada foi empregada. Essas mudanças ocorreram devido à diferença de tempo entre as duas versões. O objetivo foi atingir uma tradução/versão tradicional, que se aproximasse da anterior, mas que fosse levemente atualizada, a fim de torná-la mais acessível a leitores contemporâneos.

3.1.4 O Novo Testamento em Dinamarquês Coloquial (1985/2002)

O público-alvo desse texto são adultos que consideram a versão autorizada muito difícil ou pomposa. O Novo Testamento (1985/2002), em que os cinco versículos analisados são exatamente iguais em ambas as edições, é semelhante à versão autorizada de 1948 (e de 1992) tanto em tamanho, quanto em conteúdo. Ao contrário das outras versões, esse Novo Testamento tem um prefácio em que os tradutores explicam sobre sua estratégia:

Você não pode traduzir cegamente da língua de partida para a de chegada sem transformar o significado inicial. Dessa forma, reconhecemos nossa responsabilidade na interpretação editorial do texto de partida [...] A tradução é, portanto, uma tradução livre, não sendo uma tradução palavra por palavra ou uma paráfrase. (Novo Testamento Dinamarquês Coloquial, 1985)²⁰

²⁰ No original: “Man kan ikke blindt oversætte kildesprog til modtagersprog uden at forstyrre den oprindelige mening. Vi erkender derfor vort ansvar i den redaktionelle bearbejdning af grundteksten... Oversættelsen er således en fri oversættelse, ikke en ord-for-ord oversættelse, ej heller en parafrase.” No artigo de Zethsen (2009), em inglês: “You cannot blindly translate from source language to target language without disturbing the original meaning. We therefore acknowledge our responsibility in the editorial interpretation of the source text... The translation is thus a free translation, neither a word-for-word translation, nor a paraphrase”

Essa explicação claramente reflete na tradução. Em relação à versão autorizada, vemos que não ocorreram acréscimos importantes ou paráfrases, mesmo que tenham aparecido explicitações (acréscimos objetivos). Enquanto isso, palavras e expressões mais contemporâneas substituíram as mais antigas (similares às mudanças que, mais tarde, seriam feitas na versão autorizada de 1992). Além disso, palavras cotidianas substituíram uma linguagem mais formal e a sintaxe tornou-se mais direta, assemelhando-se à linguagem oral.

(8) Explicitação

1948: *register* [registro]

2002: *register on the census* [registro do censo]

1948: *each to his town* [cada um para sua cidade]

2002: *in the town from which they came* [na cidade de onde vieram]

1948: *David* [Davi]

2002: *King David* [Rei Davi]

1948: *wrapped him* [envolveu-o]

2002: *wrapped him in a blanket* [envolveu-o em um cobertor]

(9) Substituição de linguagem arcaica por linguagem coloquial

1948: *of David's house and lineage* [da casa e da linhagem de Davi]

2002: *decendants of King David* [Descendente do Rei Davi]

1948: *And it happened, while they were there, came the time when she were to give birth*

[E ocorreu que, enquanto eles estavam lá, chegou a hora em que ela daria à luz]

2002: *When they reached Bethlehem, came the time when she were to give birth*

[quando eles chegaram em Belém, chegou a hora em que ela daria à luz]

1948: *And she gave birth to her son, the firstborn* [E ela deu à luz a seu filho, o primogênito]

2002: *Maria had her first child – a boy* [Maria teve seu primeiro filho - um menino]

1948: *the inn* [a estalagem]

2002: *kroen* [palavra mais contemporânea para “estalagem”]

O conteúdo denotativo do texto permanece o mesmo da edição de 1948. As mudanças ocorreram devido ao nível de conhecimento prévio e à capacidade de compreensão do público-alvo. Algumas expressões antigas e complexas foram substituídas por expressões contemporâneas mais simples. O objetivo foi fazer com que o público-alvo entendesse a relevância atual do texto, reduzisse o tempo de leitura e tivesse mais facilidade de compreensão.

4. Resultados do estudo de caso e discussão

4.1 Os principais parâmetros da tradução intralingual

Com base nesse estudo de caso, auxiliado por reflexões e frases um tanto dispersas presentes na literatura anteriormente mencionada, foram examinados os principais fatores que podem influenciar na tradução intralingual. Tais fatores também são a razão para a existência da tradução intralingual:

- Conhecimento;
- Tempo;
- Cultura;
- Espaço.

Esses quatro elementos não estão listados por ordem de importância, já que sua relevância depende do tipo de tradução intralingual. Presume-se que mais de um fator impactará qualquer caso de tradução intralingual e que os limites entre eles estão longe de ser estanques. Neste artigo, essas “categorias” foram usadas apenas para fins explicativos e podem ser reagrupadas e desenvolvidas de forma mais extensa. As próximas seções apresentam uma visão mais detalhada de cada um desses parâmetros.

4.1.1 Conhecimento

Esse parâmetro baseia-se na capacidade de compreensão do público-alvo, ou seja, na competência que esse público possui para compreender um texto, incluindo seu nível de conhecimento prévio e seu nível de expertise (ou falta de) em relação a um assunto específico. A importância desse fator fica evidente, por exemplo, na versão dinamarquesa em linguagem cotidiana e nas versões infantis. A partir delas, vemos que o conhecimento do público-alvo é a

força motriz para a construção da maior parte das traduções intralinguais. O parâmetro do conhecimento, muitas vezes, envolve a interpretação de informações (explicitação, explicação, adição), que podem ser (i) objetivas (“*Pode ser muito frio lá fora no inverno na Judéia*”) ou (ii) subjetivas (os comentários políticos, de caráter feminista da Bíblia da família de 1973). Neste último caso, o objetivo da tradução intralingual não é apenas a compreensão do texto por parte do público, mas também a livre expressão ou a persuasão.

As traduções intralinguais que são tipicamente influenciadas pelo parâmetro do conhecimento (traduções explicativas) estão, principalmente, relacionadas à comunicação entre especialista e leigo. Alguns exemplos são: bulas feitas para pacientes contendo informações sobre medicamentos, folhetos com informação fiscal baseados em novas legislações, manuais de bens de consumo duráveis ou versões infantis de textos clássicos.

4.1.2 Tempo

Esse parâmetro está relacionado à distância temporal que acaba tornando uma nova versão necessária. O fator tempo está claramente associado a outros parâmetros, como o da cultura e o do conhecimento. No entanto, é quando há falta de compreensão ou de conhecimento cultural devido ao fator diacrônico que a criação de novas versões é necessária, como a versão autorizada de 1992, por exemplo. O tempo também é um elemento importante na versão em linguagem coloquial, já que, mesmo quando o leitor é capaz de compreender a versão autorizada mais antiga (1948), ele ainda levará menos tempo para ler e entender a versão mais coloquial.

As traduções intralinguais influenciadas pelo parâmetro do tempo (traduções diacrônicas) são, em sua maioria, versões novas e mais contemporâneas de textos clássicos (textos religiosos, literatura). Segundo Steiner (1975), “cada geração retraduz os clássicos, a partir de uma compulsão vital por imediatismo e necessidade de eco”. O autor, nesse sentido, estava particularmente interessado na tradução intralingual, que costumava ser motivada por questões diacrônicas:

O modelo esquemático da tradução (Schematic model of translation) é aquele em que uma mensagem de uma língua-fonte passa para uma língua-alvo por meio de um processo de transformação. A barreira é a prova de que uma língua difere da outra [...] O mesmo modelo — e esse é um ponto raramente enfatizado — funciona dentro de uma mesma língua. Aqui, no entanto, a barreira ou a distância entre fonte e alvo é o tempo. (STEINER, 1975, p. 28)

A tradução pode ser puramente intralingual e surgir a partir de uma versão anterior na mesma língua ou o texto-fonte pode consistir em uma versão anterior e, ainda, no texto original (como é o caso das versões autorizadas de 1948 e 1992, por exemplo), o que envolve tanto tradução intralingual, quanto interlingual²¹. Ademais, é possível que, embora a tradução não esteja escrita, possamos, automaticamente, recorrer a ela ao lermos e processarmos o texto antigo, como apontou Steiner (1975)²².

4.1.3 Cultura

O parâmetro da cultura tem relação com a necessidade de explicação de referências culturais em um texto em que a época ou a falta de conhecimento prévio impedem a compreensão do público-alvo, mesmo quando a língua é a mesma. A influência desse fator fica clara na versão em linguagem coloquial e nas versões infantis.

Um exemplo de tradução intralingual motivada pelo parâmetro da cultura (traduções interculturais) pode ser simplesmente uma versão norte-americana de um livro em inglês. Harry Potter, por exemplo, que foi publicado em uma edição especial estadunidense com a substituição de palavras com marcas culturais como “biscoitos”, “futebol”, “mummy”, “rounders” e “sherbet lemons” por “cookies”, “futebol americano”, “mommy”, “baseball” e “lemon drops”²³ (HATIM E MUNDAY, 2004). Em uma conferência da *European Society of Translation* (Associação Europeia de Tradução) de 2004, em Lisboa, Denton (2006) tratou sobre tradução intercultural em seu artigo “*Waterlogged Somewhere in Mid-Atlantic: Why American Readers Need Intralingual Translation but Don’t Often Get It*” [Submerso em algum ponto no meio do Atlântico: por que os leitores norte-americanos precisam da tradução intralingual, mas nem sempre a conseguem]. Rollason (2006) discute sobre esse artigo, que demonstra que mesmo um falante nativo de inglês pode encontrar barreiras de comunicação

²¹ Para fins explicativos, a definição de Jakobson (1959/2000) separa os dois tipos de tradução (embora ambos sejam definidos como exemplos de uma atividade de tradução). Essas definições separadas, é claro, não significam que os dois tipos não possam estar em jogo no mesmo texto ou na mesma instância - um elemento de tradução intralingual pode muito bem ser parte do escopo de uma tradução interlingual (ZETHSEN, 2010). Toury (1986) menciona que a tradução interdialetoal pode ser um caso limítrofe e também Pym (1992, p. 25) argumenta que não há um ponto de corte restrito.

²² Ver Weissbrod (2004, p.27) no que tange ao percurso da tradução ao longo do tempo.

²³ No original, a autora menciona alguns itens culturais típicos do Reino Unido — “biscuits”, “football”, “mummy”, “rounders” e “sherbet lemons” — que foram substituídos por itens culturais dos Estados Unidos — “cookies”, “soccer”, “Mommy”, “baseball” e “lemon drops”, respectivamente. “Rounders” é um jogo tipicamente britânico parecido com o baseball norte-americano. Os correspondentes em língua inglesa para “mamãe” possuem grafia diferente no Reino Unido e nos Estados Unidos, sendo “mummy” usado no primeiro e “mommy”, no segundo. “Sherbet lemons” são balas de limão muito populares no Reino Unido, conhecidas como “lemon drops” nos Estados Unidos.

ao cruzar o Atlântico. Rollason, então, exemplifica:

Há o romance de Sue Townsend (1982), “O diário secreto de Adrian Mole aos 13 anos e $\frac{3}{4}$ ” (The Secret Diary of Adrian Mole, Aged 13 $\frac{3}{4}$), um best-seller *cult* no Reino Unido, mas que foi muito menos exitoso nos Estados Unidos. Nele, os códigos culturais e as gírias excessivamente britânicas fizeram com que a leitura fosse menos prazerosa para os estadunidenses. Isso vai de encontro ao ponto de Denton, o qual sugere que o caso indica a necessidade de uma tradução intralingual. Assim, um livro britânico pode muito bem ser “estrangeiro” para leitores norte-americanos. (ROLLASON, 2006, p. 5)

No mundo comercial, outro exemplo de tradução intralingual e intercultural seria o fenômeno da localização. Atualmente, a localização é um grande ramo da indústria que, evidentemente, requer tradução interlingual, mas, em muitos casos, também envolve a intralingual. Isso porque, tem como objetivo, muitas vezes, a produção de diferentes versões culturais de um mesmo texto, na mesma língua.

4.1.4. Espaço

O parâmetro do espaço refere-se às instâncias em que o texto é reduzido ou estendido, quando há a alteração do espaço físico do texto. Nas versões infantis, por exemplo, vemos redução e, principalmente, extensão.

As traduções intralinguais que se baseiam no parâmetro do espaço normalmente são versões com o objetivo de resumir (como simplificações, versões condensadas e facilitadas de textos clássicos, reportagens ou legendas para surdos (SNELL-HORNBY, 2006). Também pode haver extensão/adição, o que normalmente acontece quando uma explicação se torna necessária de acordo com o nível de compreensão do público-alvo, que pode ser influenciado por tempo, cultura ou falta de conhecimento.

4.2. Semelhanças de família? Uma comparação entre tradução interlingual e intralingual

Podemos observar com interesse o fato de que muitas das micro estratégias aplicadas nas traduções intralinguais da Bíblia se assemelham àquelas comumente usadas em traduções interlinguais. Assim, vejamos a seguir algumas comparações entre esses dois tipos de tradução.

4.2.1. Diferenças entre tradução interlingual e intralingual

A principal diferença entre esses dois tipos de tradução é o envolvimento — ou não — de mais de uma língua durante a tradução. Desse modo, na tradução interlingual, o obstáculo mais importante para a comunicação (bem como a razão para a existência dessa atividade) é o não entendimento, por parte do público-alvo, do código linguístico em que o texto de origem foi escrito. Na tradução intralingual, no entanto, também temos o envolvimento de dois códigos, que não são duas línguas distintas, mas podem indicar gêneros e públicos diferentes. Embora haja diferença entre esses códigos, talvez seja menor do que possa parecer, pois os códigos dos discursos de diferentes comunidades que compartilham a mesma língua podem ser quase tão diferentes entre si quanto aqueles de duas línguas distintas (KIRKNESS, 1997).

O problema da sinonímia na tradução interlingual (de que forma estabelecemos o significado e escolhemos entre sinônimos e como usamos empréstimos, decalques etc), por exemplo, é semelhante na tradução intralingual. Nesse sentido, transmitir a mesma mensagem dentro do estilo linguístico de outro gênero, por meio de expressões sinônimas com níveis de formalidade diferentes, também é um desafio, como apontado por Steiner (1975).

Além da diferença explícita entre os dois tipos de tradução (envolvimento ou não de mais de uma língua), talvez a distinção mais significativa entre elas seja o protagonismo da *simplificação*²⁴ em vários tipos de tradução intralingual. Parece que a estratégia de simplificação é sempre impulsionada por um dos quatro parâmetros mencionados anteriormente. Por exemplo, em relação ao parâmetro do conhecimento, pode-se ter, na tradução intralingual, palavras, expressões leigas e sintaxe simples em voz ativa em substituição a termos especializados e sintaxe complexa. Já na interlingual, pode haver mudanças sintáticas que frequentemente são tratadas com base nas diferenças estruturais entre duas línguas. Quanto ao parâmetro do tempo, pode-se ter sintaxe, palavras e expressões contemporâneas substituindo sintaxe, palavras e expressões em desuso. Já em se tratando do parâmetro da cultura, pode haver sintaxe, palavras e expressões estadunidenses substituindo sintaxe, palavras e expressões britânicas, por exemplo. E por último, no parâmetro do espaço, pode-se omitir um texto desnecessário ou adicionar um texto explicativo.

Como vimos, as estratégias de simplificação podem ser diversas, assumindo várias formas de acordo com os parâmetros mencionados. Assim, a simplificação pode assumir a

²⁴ O fato de que a tradução intralingual pode ir, em alguns casos, do simples ao complexo não pode ser descartado. Um exemplo disso pode ser a reescrita de uma redação, por parte de um aluno, a fim de torná-la mais acadêmica ou formal. Ou ainda, a reescrita de um relatório, por parte de um assistente, a fim de torná-lo mais complexo e confiável a partir da inserção de termos especializados etc.

forma de redução, deixando de fora o que é considerado uma informação desnecessária com o intuito de facilitar o entendimento do texto. Ou ainda, assumir a forma de acréscimo, com o objetivo de explicar ou de tornar explícita uma informação difícil ou implícita. Ao simplificar um texto, também podemos parafraseá-lo ou reestruturá-lo. Como vimos anteriormente, em uma das traduções da Bíblia (para crianças pequenas), ocorreu uma reestruturação significativa, que até mesmo desrespeita a organização dos parágrafos, para facilitar a compreensão.

Todas as estratégias encontradas nas versões intralinguais também podem ser usadas na tradução interlingual. No entanto, nessa última, nem sempre as estratégias são usadas com o objetivo de simplificação, além de não terem a mesma dimensão que é possível de ser observada na tradução intralingual. Isso sugere que a diferença de estratégias entre tradução intralingual e interlingual normalmente está relacionada a grau e motivação, e não a tipo. Omissões, acréscimos, reestruturações etc são estratégias que normalmente acontecem de forma mais potente na tradução intralingual. Deve-se lembrar, porém, que o consenso geral sobre os benefícios das traduções funcionais, em muitos casos, abre espaço para uma percepção muito mais ampla do que constitui uma tradução. Ou seja, as estratégias atualmente aplicadas na tradução interlingual, de acordo com o propósito da tradução — certa quantidade de reestruturação ou redução, por exemplo —, podem ter sido consideradas inaceitáveis e impensáveis há vinte anos, para ferramentas de tradução. Em geral, a teoria funcionalista da tradução estreitou a relação entre tradução intralingual e interlingual. No entanto, sugere-se que há mais liberdade na tradução intralingual do que na maioria das traduções interlinguais. Isso pode gerar mais espaço para interpretação, e até um certo grau de subjetividade. Os acréscimos extremamente subjetivos na Bíblia da família (1973), por exemplo, não seriam aceitos na tradução interlingual; contudo, também não seriam aceitos na maioria das traduções intralinguais. Essa hipótese, no entanto, não será explorada neste artigo.

5. Conclusão

Em uma das poucas ocasiões em que a tradução intralingual é comentada na literatura da tradução, Steiner (1975) aponta que tanto a tradução intralingual quanto a interlingual levantam questões da mesma ordem e são semelhantes em pontos cruciais. Eu concordo plenamente, e por isso penso que, ao negligenciar uma vertente inteira de atividades de tradução (que podem não ser traduções ‘propriamente ditas’, mas que compartilham fortes semelhanças de família), perdemos *insights* valiosos. Porém, vale mencionar que, embora

essas semelhanças inegavelmente existam, é necessário que haja enfoque para as diferenças, ou possíveis diferenças, entre os dois tipos de tradução. Se soubéssemos mais sobre semelhanças e diferenças, os *insights* advindos de ambas as traduções seriam mais úteis.

O trabalho empírico deste artigo foi considerado uma primeira tentativa de descrição geral e concreta das características e micro estratégias envolvidas na tradução intralingual. As análises aqui presentes sugerem que a tradução intralingual é geralmente motivada por um ou mais parâmetros-chave aqui explorados (conhecimento, tempo, cultura e espaço). A descoberta mais interessante que resultou dos fatores analisados e da comparação com a tradução interlingual é, em primeiro lugar, a forte tendência a um envolvimento de simplificação na tradução intralingual, uma estratégia que não é tão frequentemente aplicada no escopo da tradução interlingual. Em segundo lugar, dado o propósito da simplificação, as micro estratégias aplicadas na tradução intralingual (acréscimos, omissões, reestruturação etc.) parecem ser muito mais robustas do que os vistos na maioria dos casos de tradução interlingual. Em outras palavras, as microestratégias empregadas nos dois tipos de tradução diferem muito mais em grau do que em tipo.

Por esse viés, na Dinamarca, e provavelmente em muitos outros países, há uma demanda cada vez maior para que o conhecimento especializado seja disponibilizado ao público em geral. Clientes, pacientes, contribuintes etc. não toleram mais textos de especialistas que sejam incompreensíveis. Sendo assim, há demanda por traduções de linguagem especializada para leigos, pois a maioria dos especialistas têm dificuldade em escrever sobre sua área de forma simples. Na minha opinião, os tradutores estão perfeitamente equipados para realizar este tipo de tradução, dadas as muitas semelhanças da tradução intralingual com a interlingual. Na prática, especialmente em relação à didática, uma definição demasiadamente restrita do que é tradução intralingual apenas estabeleceria fronteiras artificiais para tradutores, no que tange aos trabalhos que eles se consideram capazes de realizar. O tradutor profissional, hoje considerado um mediador cultural, precisa de um grande número de habilidades “a fim de se qualificar como especialista em comunicação interlingual e intercultural” (SNELL-HORNBY, 1999).

Gostaria de pensar que as competências intralinguais estão inclusas na comunicação intercultural, desde que não limitemos a nossa definição de “intercultural” a apenas uma questão de cultura nacional (ZETHSEN, 2010). Com base no texto exposto, encorajo os estudiosos da tradução a realizarem pesquisas nessa área, uma vez que esse artigo se baseia em análises realizadas em um número limitado de textos e não podemos, portanto, afirmar que as características encontradas se aplicam a todos os tipos de tradução intralingual.

Acredito, no entanto, que elas apontam para a direção certa, mesmo que sejam necessárias mais pesquisas com base empírica para fornecer uma descrição completa e abrangente da tradução intralingual e das semelhanças e diferenças entre tradução interlingual e intralingual. Ademais, seria interessante investigar quem realiza traduções intralinguais na prática do dia a dia. Ainda restam perguntas como: em que tipo de texto de partida esses profissionais se baseiam? E ainda, como a relação entre texto de partida e de chegada difere nos dois tipos de tradução? As perguntas não faltam — espero que o futuro encontre algumas respostas.

Referências

BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 1998.

DAM-JENSEN, Helle; ZETHSEN, Karen Korning. Pragmatic patterns and the lexical system: A reassessment of evaluation in language. **Journal Of Pragmatics**, [S.L.], v. 39, n. 9, p. 1608-1623, set. 2007.

DAM-JENSEN, Helle; ZETHSEN, Karen Korning. Translator awareness of semantic prosodies. **Target**, Amsterdam, v. 20, n. 2, p. 203-221, nov. 2008.

DENTON, John. Waterlogged Somewhere in Mid-Atlantic: Why American Readers Need Intralingual Translation but Don't Often Get It. **TTR**. [S.L.], v. 20, n. 2, p. 243-270, 9 out. 2008.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 1-268, 1990.

GAMBIER, Yves. La reformulation – pratique intralinguistique et interlinguistique. **Koïné**, S.I., v. 1-2, n. 2, p. 291-314, 1992.

GUTT, Ernst-August. Translation as interlingual interpretive use. In: VENUTTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. Cap. 25. p. 376-396.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. : **Translation: An Advanced Resource Book**. London: Routledge, 2004.

HOLMES, James S. The name and nature of translation studies. In: VENUTTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. Cap. 13. p.172-185.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. Cap. 8. p.113-118.

JEPPESEN, Knud. Problemer ved at oversætte Bibelen til dansk på ny. **Hermes**, [S.L.], v. 3, n. 5, p. 15-33, 1990.

KIRKNESS, Alan. Eurolatin and English today. **English Today**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 3-8, jan. 1997.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. London: Pergamon Press, 1981.

NEWMARK, Peter. Taking a Stand on Mary Snell-Hornby. **Current Issues In Language And Society**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 152-154, abr. 1999.

NICOLSON, Adam. **Power and Glory. Jacobean England and the making of the King James Bible**. London: Haper Perennial, 2003.

PYM, Anthony. **Translation and Text Transfer: An Essay on the Principles of Intercultural Communication**. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 1992.

ROLLASON, Christopher. Beyond the domestic and the foreign: translation as dialogue. In: **INTERCULTURAL STUDIES TODAY: CHALLENGES AND IMPERATIVES**, 2006, School Of Languages, Literature And Culture Studies, Jawaharlal Nehru University (Jnu). **Workshop**. London, New York, New Delhi: Anthem Press, 2010. p. 29-39.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, Tymothy E. (ed.). **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York: Academic Press, 1973. p. 114-144.

SCHAFFNER, Christina. Globalisation, Communication, Translation. **Current Issues In Language And Society**, S.I, v. 6, n. 2, p. 93-102, abr. 1999.

SHAVIT, Zohar. **Poetics of Children's Literature**. Athens: The University Of Georgia Press, 1986.

SHUTTLEWORTH, Marc. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St Jerome Publishing, 1997.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies. An Integrated Approach**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

SNELL-HORNBY, Mary. Communicating in the Global Village: On Language, Translation and Cultural Identity. **Current Issues In Language And Society**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 103-120, 1999.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns Of Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

STEINER, George. **After Babel: Aspects of Language and Translation**. London: Oxford University Press, 1975.

TOURY, Gideon. A rationale for descriptive translation studies. In: HERMANS, Theo (ed.). **The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation**. London: Croom Helm, 1985. p. 16-41.

TOURY, Gideon. Translation: a cultural-semiotic perspective. In: A SEBEOK, Thomas (ed.). **Encyclopedic Dictionary of Semiotics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 1111-1124.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

TYMOCZKO, Maria. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. **Meta**, [S.L.], v. 43, n. 4, p. 652-660, 2 out. 2002.

TYMOCZKO, Maria. Trajectories of Research in Translation Studies. **Meta**, [S.L.], v. 50, n. 4, p. 1082-1097, 13 jan. 2006.

WEISSBROD, Rachel. Translation Research in the Framework of the Tel Aviv School of Poetics and Semiotics. **L'école de Tel-Aviv: pour une théorie de la traduction littéraire**, [S.L.], v. 43, n. 1, p. 35-45, 2 out. 2002.

WEISSBROD, Rachel. From Translation to Transfer. **Across Languages And Cultures**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 23-41, 1 abr. 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Oxford: Blackwell, 1953.

ZETHSEN, Karen Korning. Latin-based terms. **Target. International Journal Of Translation Studies**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 125-142, 31 dez. 2004. John Benjamins Publishing Company.

ZETHSEN, Karen Korning. Beyond Translation Proper: Extending the Field of Translation Studies. **TTR**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 281-308, 28 jul. 2008.

ZETHSEN, Karen Korning. Has Globalisation Unburdened the Translator? **Meta**, [S.L.], v. 55, n. 3, p. 545-557, 9 dez. 2010.